

## CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE SUJEITOS FRONTEIRIÇOS COM DIFERENTES NACIONALIDADES

Angélica Margaret Barbosa Cortez<sup>1</sup>

Mestranda em Letras - UNIOESTE

Sanimar Busse<sup>2</sup>

Doutora em Letras - UNIOESTE

### RESUMO

Este trabalho foi realizado na fronteira Brasil/Argentina, em Santo Antônio do Sudoeste/BR e San Antonio/AR. O objetivo da pesquisa é compreender como se mostram as crenças e atitudes linguísticas em sujeitos que vivem na fronteira, que são casados e que têm diferentes nacionalidades. A pesquisa constou em fazer uma entrevista com duas pessoas, que são identificadas como mulher (M) e homem (H). A entrevista foi gravada em áudio e a delimitação da amostra se deu com base na pesquisa qualitativa, estudo de caso e pelas especificidades da teoria mobilizada. A fronteira é o lugar de misturas de culturas, de língua, de identidades, de representações. Por isso, é um espaço de pertencimento desse casal, que o possibilita sentir-se um pouco brasileiro e um pouco argentino.

**Palavras-chave:** Fronteira. Vivências. Crenças e atitudes linguísticas.

### Palavras iniciais

O português é a língua do Brasil, país que faz fronteira com dez nações da América do Sul, as quais, em sua maioria, possuem a língua espanhola como língua oficial e outras, línguas indígenas são as cooficiais. As regiões fronteiriças são marcadas por complexidades identitárias, linguísticas e culturais, o que faz com que sejam singulares e múltiplas. Pelos aspectos mencionados, neste trabalho serão abordadas as crenças e atitudes linguísticas que ultrapassam o viver fronteiriço.

O contexto em que se deu a pesquisa abordada neste artigo é a fronteira de Santo Antônio do Sudoeste, região brasileira paranaense, que faz fronteira com San Antonio, localizada na província de Misiones, na Argentina. Essas cidades são consideradas cidades-gêmeas<sup>3</sup>. Entre uma cidade e outra, há um acidente geográfico, o rio Santo Antônio, portanto, a travessia se dá por meio de uma ponte, antes da aduana. Nas fronteiras em que há acidente geográfico, denomina-se *fronteira natural*.

<sup>1</sup> E-mail: angelicambcortez@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: sani\_mar@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Cidades-gêmeas são definidas como municípios em que: “o território do município faz limite com o país vizinho e sua sede se localiza no limite internacional, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho.” (BRASIL, 2010, p. 17).

Esses municípios estão inseridos em uma zona fronteira e, por isso, são marcados, entre outros fatores, pela coexistência de diferentes línguas. Para esta pesquisa, como há dois informantes de nacionalidades brasileira e argentina, consideraremos as línguas oficiais do Brasil e da Argentina, portanto, o português e o espanhol, respectivamente. Além da complexidade linguística, os aspectos culturais também se mesclam, e com esse movimento vêm os valores, os (pré)conceitos, assim como as atitudes em relação ao outro. Nesse sentido, este trabalho objetiva compreender como se mostram as crenças e as atitudes linguísticas em sujeitos que vivem na fronteira, que são casados e que têm diferentes nacionalidades.

Para iniciar as discussões, será abordado o conceito de fronteira e como se dão as crenças e atitudes linguísticas a partir de uma entrevista realizada com uma família que atualmente reside em San Antonio/AR, cujo homem é argentino, a mulher é brasileira e o filho é brasileiro e estuda na Argentina.

Para o alcance dos objetivos, a primeira ação nessa pesquisa foi definir os sujeitos. Pelo aporte social que incluem questões de língua e cultura, foi necessário encontrar os sujeitos casados e com diferentes nacionalidades, que vivem na fronteira. Pelos contatos com escolas fronteiriças, logo encontramos o casal que se disponibilizou a contribuir com esta pesquisa. Por questões éticas, o nome dos informantes será substituído por homem (H) e mulher (M).

A coleta de materiais se deu em forma de entrevista, pois ela proporciona uma amplitude de materiais ao longo da fala dos informantes. As entrevistas foram estruturadas por um guia de perguntas, composto por questões semiestruturadas que nos permitiu uma flexibilidade na pesquisa e um melhor fluxo na condução da entrevista.

Na sequência deste artigo, será abordado o conceito de fronteira, a metodologia utilizada na pesquisa e a análise das crenças e atitudes linguísticas dos informantes.

### **As relações fronteiriças apesar da aduana**

A demarcação da fronteira Santo Antônio do Sudoeste/BR e San Antonio/AR se dá pela passagem do rio Santo Antônio e pela travessia da ponte. Essa travessia é feita, muitas vezes, por várias pessoas ao longo do dia, até mesmo para trabalhar.

Sendo assim, argentinos e brasileiros estreitam suas relações com as pessoas que habitam o país vizinho. Dessas relações, decorrem casamentos, amizades, passeios, trabalhos,

compras, apesar da aduana, já que a cada travessia devem ser mostrados documentos e explicados os motivos pelos quais a pessoa está se deslocando até o outro país.

A fim de analisarmos as crenças e atitudes linguísticas de um casal com diferentes nacionalidades e que vivem na fronteira Brasil/Argentina, é necessário que compreendamos o que ponderam alguns autores acerca desse espaço. Segundo Sturza (2006, p. 31):

Fronteira se define por uma relação com o real, simbolizada através de uma referência física que indica sua existência, como os marcos que representam os limites territoriais. Por outro lado, apresenta outro sentido de integração, de interface, que é fluido, tal como se dá a mistura das línguas.

Essa reflexão da autora, nos leva a pensar no viver fronteiriço como em duas vertentes, uma como uma referência física, em que há o marco, as pontes, as placas, as delimitações, e outra em que as pessoas conversam em um contato real, sem pensar nos limites, nas diferenças, a integração simplesmente acontece. Isso porque há famílias constituídas nesses espaços, como explica Maia (2002, p. 96):

Nestes casos, em que podem existir acidentes geográficos, políticos e normas marcando uma divisão, também pode constituir-se uma mesma comunidade e pode-se dizer: “eu sou da Argentina” ou “eu sou do Brasil”, mas isto não impede que do outro lado esteja morando meu irmão, o meu primo, ou, quem sabe, até mesmo os meus filhos, e não se pode delimitar a cultura desta comunidade e seus diferentes idiomas que seguem vivos e circulando de um país a outro sem fronteira.

Uns moram no Brasil, outros na Argentina, mas pela proximidade, o encontro e o diálogo entre essas pessoas, são possíveis, assim como as identificações e, claro, as complexidades que podem surgir dessas relações. Nesse sentido, para Alvarez (2009, p. 26), a fronteira

[...] não representa apenas uma ‘línea de defesa’ ou um trânsito de lugar, mas sim lugar de condições propícias para o diálogo, para o intercâmbio, para o *ir e vir*. As fronteiras são definidas pelo que podem configurar enquanto um espaço novo que se caracteriza pela mobilidade e dinamismo das comunidades pertencentes. (grifos da autora)

A partir do diálogo e desse intercâmbio dito pela autora, a fronteira se transforma, se (re)constrói por meio das vivências dos sujeitos que a habitam e escrevem e reescrevem histórias a todo o momento. Ou seja, a fronteira é muito mais que um limite, é um espaço de

contato, é na fronteira que as línguas se aproximam, os costumes se mesclam, é um lugar de representações.

A identidade como representação é determinada por um significado atribuído a algo, o que dependerá das representatividades que o sujeito tem, a função dessa representação e o contexto em que está inserido. Hall (2005, p. 49) explica que: “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional.” Por isso, são os significados atribuídos, segundo o uso, que nos permitem classificar algo ou alguém por meio da língua.

A representação que construímos das pessoas, ações, objetos, por exemplo, é feita a partir da oposição a outras pessoas, ações, objetos. Assim, quando representamos algo como “bom”, o fazemos a partir de uma relação com algo que julgamos “mau”. É o que pode levar os sujeitos a fazerem escolhas, como a de uma escola em que o(a) filho(a) estudará, que pode ser explicada por uma avaliação ao que se considera adequado ou não para a educação dos(as) filhos(as).

Nessas relações surgem os encontros e os desencontros proporcionados pelas diferenças culturais, identitárias e também linguísticas, como será observado no recorte da entrevista realizada com o casal.

### **Metodologia da pesquisa na fronteira Brasil/Argentina**

Esse trabalho teve como base a pesquisa de abordagem qualitativa e foi definido como um estudo de caso, em que o(a) pesquisador(a) se desloca até o local do estudo e observa o grupo a ser estudado, além de realizar entrevistas com os informantes (GIL, 2002).

Assim, para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio. Sobre esse procedimento, Triviños (1987, p. 146) explica que

[...] *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (grifos do autor)

Desse modo, a entrevista semiestruturada permite ao(à) entrevistador(a) uma flexibilidade na hora de conduzir as perguntas realizadas aos informantes da pesquisa.

Os sujeitos participantes desta pesquisa têm nacionalidades diferentes, é um casal, em que a mulher é brasileira e o homem é argentino. E eles têm um filho de sete anos, que nasceu em Santo Antônio do Sudoeste/BR, mas a família optou por se estruturar no lado argentino da fronteira, na cidade de San Antonio/AR. Essa criança, assim como a sua mãe tem a “doble chapa”<sup>4</sup>.

Assim, a análise dos dados neste artigo, dar-se-á a partir das crenças e atitudes linguísticas que essas pessoas têm um sobre o outro, sobre a fala do outro, sobre o espaço em que vivem e sobre acontecimentos rotineiros da vida do casal.

O homem, doravante (H), é argentino, tem cinquenta e quatro anos, é professor e diretor de uma escola agrotécnica em San Antonio/AR. A mulher, representada nesta pesquisa pela letra (M), é brasileira, tem quarenta e oito anos, é professora de português e psicopedagoga em educação especial e atravessa a aduana todos os dias para exercer seu trabalho em uma escola em Santo Antônio do Sudoeste/BR.

Para o alcance dos objetivos deste trabalho, a primeira ação foi definir os sujeitos da pesquisa. Em contato com escolas da região fronteira de Santo Antônio do Sudoeste/BR e San Antonio/AR foi possível selecionar as pessoas que foram entrevistadas para uma análise prévia e a preparação para fazer as perguntas que guiaram este trabalho. Além disso, os participantes que aceitaram fazer parte desta pesquisa, optaram pela realização da entrevista na casa deles, localizada na cidade de San Antonio/AR.

Definido o local e a data, fizemos a travessia da aduana e nos deslocamos até a casa dos informantes. A entrevista se deu com uma conversa informal, gravada em áudio e foi realizada com um informante de cada vez, com o intuito de que não houvesse interferência nas respostas de um e outro. Com o informante H, por ser argentino, as questões foram realizadas em língua espanhola, já com a informante M, as mesmas questões foram feitas em língua portuguesa. As entrevistas tiveram uma duração média de quarenta minutos cada uma.

Após a realização das entrevistas, foram feitas as transcrições dos dados coletados de maneira fiel ao que foi respondido pelos informantes em cada questão. Posteriormente, as transcrições passaram por revisão. As questões para a coleta do material foram pensadas a fim de atender ao objetivo desta pesquisa, portanto, o recorte foi delineado ao que atendeu a essa proposta. Para a realização da análise foi realizado um levantamento das respostas obtidas na entrevista, que estavam de acordo para o alcance dos objetivos desta pesquisa.

---

<sup>4</sup> De acordo com Mota (2010, p. 21), doble chapa são as “[...] pessoas que possuem dupla cidadania e exercem seus direitos políticos em ambos os lados da fronteira.”

## **As crenças e atitudes linguísticas de um casal com diferentes nacionalidades**

Viver na fronteira significa posicionar-se socialmente a todo o momento, seja pelo simples fato de escolher fazer compras de um lado ou do outro da aduana, como pela complexa escolha de decidir morar na Argentina ou no Brasil.

Assim, a fronteira é um espaço de (con)vivências advindas de um contato entre os falantes. Para Corbari (2013, p. 38):

O contato entre línguas é, na verdade, um contato entre falantes, o que implica uma relação que não pode ser neutra, mas marcada por atitudes, sentimentos e juízos de valor por parte dos falantes, seja em relação a eles mesmos e à própria fala, seja em relação ao outro e à sua fala.

Em nossa formação como sujeitos, desde crianças, somos constituídos de uma história carregada de crenças e percepções advindas do que nos é revelado pelas pessoas mais próximas, sobre o espaço em que vivemos, sobre as pessoas que nos cercam, sobre os modos de se vestir e de comer, a partir da cultura de cada povo. Com o passar do tempo, as crenças vão se fortalecendo e se estabelecem a tal ponto, que às vezes nos levam a atitudes inconscientes e “naturais” aos nossos olhos. De acordo com Barcelos (2007, p. 113), crenças são formas de pensamentos, de construir a realidade,

[...] maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Sendo assim, as crenças se originam a partir das experiências que temos e que nos leva às decisões ao longo da vida. Essa tomada de decisões pode ser com assuntos rotineiros, mas pode ser com assuntos que necessitam de uma maior reflexão, como a escolha de alguém com quem vai se relacionar, o lugar em que vai morar, o lugar em que o filho vai nascer e estudar.

Para as pessoas que moram na fronteira, pela proximidade e pelos relacionamentos, que muitas vezes acabam acontecendo, essas situações que acarretam em escolhas, acabam surgindo na vida de muitos, e implicam em uma situação de escolha do casal, em decidir, por exemplo, em que país irão morar.

Portanto, há um conjunto de fatores que se manifestam em atitudes advindas de um processo que influenciam nas questões sociais, históricas e culturais das regiões ao longo do tempo. De acordo com Calvet (2002, p. 57),

[...] existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico.

Nesse sentido, temos a complexidade da vida dos sujeitos que vivem na fronteira, afinal, há muitas diferenças entre um país e outro, entre os povos e seus comportamentos, e assim, se dão as escolhas por viver desse lado da fronteira ou do outro, entre muitas outras escolhas que surgem ao longo da vida.

No caso dos sujeitos da pesquisa, a escolha se deu pelo fato de H, que nasceu na fronteira, na cidade de San Antonio/AR, ter uma casa própria nesse local. Inclusive, nessa casa foram realizadas as entrevistas desta pesquisa.

Neste artigo nosso recorte se dá a partir da análise de duas perguntas feitas para os informantes H e M, no sentido de perceber como se manifestam as crenças e atitudes linguísticas dessas pessoas quando falamos acerca das vantagens de viver na fronteira e quando perguntamos sobre a língua que eles preferem usar um com o outro.

Os estudos da Psicologia Social refletem a respeito das condições cotidianas de julgamentos e acontecimentos sociais. De acordo com os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1975, p. 63), esses estudos também estão “interessados por estados de emoções em outros, intenções das pessoas, bem como pelas percepções que os indivíduos têm de ordens sociais hierárquicas em seus grupos”. Sendo assim, analisemos a questão<sup>5</sup> a seguir:

(E1): En su opinión, ¿cuáles son las ventajas de vivir en este espacio de frontera?

(H): La realidad que hay ventajas y desventajas... nosotros en estado de Misiones es, podríamos decir, el estado menos desarrollado San Antonio, de lo que es la República Argentina... [...] ustedes, el estado más desarrollado del Brasil es justamente el inverso nuestro, es Paraná, Santa Catarina y Río Grande *do* Sur entonces el polo desarrollo tanto cultural, productivo, industrial. [...] Entonces por ahí las diferencias son abismales digamos, en el desarrollo, en la parte de desarrollo y también la parte de cultura.

O sujeito H já começa respondendo que há vantagens e desvantagens em se viver na fronteira e toma o município de San Antonio como o menos desenvolvido do Estado, que é

---

<sup>5</sup> Conforme já explicado, as entrevistas foram realizadas separadamente. Com o informante H, a entrevista foi feita em língua espanhola e com a informante M, em língua portuguesa. Sendo assim, as respostas de H aparecerão neste artigo sem tradução, a fim de não haver nenhuma possível alteração nos dados coletados.

Misiones. Na sequência, H diz que o Paraná, ao contrário, é o Estado mais desenvolvido do Brasil, junto aos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E, ainda, diz que em relação ao desenvolvimento e à cultura, as diferenças são abismais.

Apesar de H ter começado sua resposta falando sobre as desvantagens de viver na fronteira, sua referência a essa desvantagem se dá pelo fato dele achar a cidade de San Antonio esquecida pelo governo argentino, no sentido de não terem assistência, tanto que, em outro excerto ele disse que eles não eram o Ceará brasileiro porque têm verde, além de manifestar a importância da fronteira argentina ter uma relação de contato com a fronteira brasileira:

(H): He, si no tuviéramos nada y no tuviéramos un contacto con Brasil, la situación *e* difícil y el progreso cultural, donde apunta la pregunta, lo cierto, sería un retraso cultural, lo cierto, por, lógicamente, si vos me hablás por ejemplo el Brasil y si vos me hablás por el nordeste donde hay poco desarrollo, tal vez, lo cierto, seguro que escuchamos nosotros, porque yo no conozco [risas]. El Ceará, grande Ceará y todas esas cuestiones ehh, *tem* poco desarrollo, nosotros no llegamos a ser el Ceará porque tenemos verde, no.

Assim, o olhar de H é de que há desvantagem de viver na fronteira por se tratar de uma fronteira sem recursos. Portanto, vale ressaltar que em momento algum houve alguma referência negativa por parte de H em relação ao Brasil, ao contrário, segundo H, San Antonio não teria riqueza cultural e progresso se não estivesse ao lado do Brasil.

No entanto, quando H fala das vantagens, ele destaca que há muitos parentes morando do outro lado da fronteira, assim como amigos e complementa:

(H): [...] Santo Antonio y San Antonio son únicos en el mundo [...]. Entonces hay, hay un intercambio de... de culturas y de interacción ehh... bastante importante, lo sea desde el punto de vista deportivo, desde el punto de vista cultural ehh, hay muchos jóvenes por ejemplo chicos que por ahí van a estudiar algo en Santo Antonio que acá no existe ehh, entonces hay esa, hay esa interacción que yo creo que es algo que es muy importante, no, ehh... es como somos vecinos, si, sumado que muchos ehh, tienen un alto grado de parentesco porque se casan, argentinos con brasileras, brasileras con argentino.

Podemos perceber em H, uma atitude favorável em relação a Santo Antônio e San Antonio, quando ele diz que são cidades únicas no mundo, que há um intercâmbio entre elas, uma interação. Isso, provavelmente decorra do fato de que H nasceu na cidade de San Antonio, passou sua infância, adolescência e vida adulta ali, e, certamente viveu momentos muito felizes, tanto em sua cidade, como em Santo Antônio do Sudoeste, cidade em que ele



também tem família e amigos. Essas memórias positivas desencadeiam em atitudes positivas, seja em relação a pessoas, a lugares. (LAMBERT; LAMBERT, 1975).

Sendo assim, ficam evidentes as crenças positivas de H em relação ao Brasil, assim como uma certa admiração pela cultura brasileira, que possibilita chegar à fronteira argentina, pelos contatos possíveis entre os povos.

A seguir, observamos a resposta de M em relação à mesma pergunta:

(E1): Na sua opinião, quais as vantagens de viver na fronteira?

(M): Olha, uma das vantagens que eu acho pra gente viver na fronteira é por causa do câmbio, porque hoje o câmbio no Brasil, ele está mais alto, o nosso real vale mais do que o peso, então muitas coisas a gente pode comprar de lá pra cá, porque o nosso dinheiro rende. [...] E, essa convivência também entre nós brasileiros com os argentinos que a gente vê a diferença de vida como a vida, como a vida, a nossa vida do brasileiro, ela é muito agitada, né, é um estresse, e você passa pra Argentina é completamente diferente. Dá impressão que eles vivem realmente, né, é diferente da nossa vida, eles são tranquilos, né, eles não se preocupam como nós, nós temos e queremos mais e mais, eles não, eles tendo carro, eles tendo o que eles sentar na mesa pra comer e eles tendo, eles dão muito sentido pra família, né, eles são muito família, e nós já somos um pouquinho diferente, as vezes não sobra muito tempo pra nossa família. A gente aprende com eles.

De um olhar diferente, M fala apenas das vantagens de se viver na fronteira e destaca o câmbio, as oportunidades de comprar em outro país e fazer o dinheiro render. Pelo fato de M ser brasileira, nascida no Rio Grande do Sul, ou seja, em uma cidade longe da que vive atualmente e viver ali na fronteira há dez anos, sua percepção se deu em relação ao povo, ao comportamento e isso que se destaca na visão de M. A entrevistada diz que os argentinos são mais tranquilos, que sabem aproveitar a vida realmente, que valorizam a família e o que conquistam. M fala sobre o comportamento dos argentinos ali na fronteira, com admiração e diz que os brasileiros nem sempre têm tempo para a família.

Nesse sentido, os psicólogos Lambert e Lambert (1975, p. 120) afirmam que: “Embora criemos sentimentos e tendências de reação com relação a outros através de associação e satisfação de necessidades, adquirimos de outra forma nossos pensamentos e nossas crenças.” Isso porque, de acordo com os psicólogos, há uma aprendizagem das atitudes por meio de transferências, que podem ser favoráveis ou não. Portanto, assim como em H, percebemos que houve uma crítica de M em relação ao seu próprio povo e somente elogios ao comportamento do povo vizinho. Por esse olhar positivo de H e M a um povo e outro, certamente ter diferentes nacionalidades, não foi um problema ao se conhecerem e decidirem formar um casal.

Destacamos que os sujeitos são casados há dez anos, mas mantêm a sua identidade nas rotinas da vida em família. E esse fato fica claro desde comentários como o tipo de fazer a comida e o próprio chimarrão (ou mate), presente na cultura argentina e na cultura do sul do Brasil:

(E1): Como é essa questão da comida? É muita diferença?

(M): Existe, eu senti, aham, porque eles têm o sabor deles é mais aguçado, é mais com, como que eu digo pra vocês? É mais, eles colocam mais tempero, eles usam muita pimenta, né.

(E1): E você cozinha mais nesse, nessa...

(M): Não, eu cozinho ao estilo brasileiro. [risos]

(E1): Ah, ao estilo brasileiro

(M): E o (nome do marido), e quando, então é assim, de manhã quando nós levantamos quem faz primeiro o mate nós tomamos, se eu acordo primeiro e faço o meu mate ele toma o meu mate, se ele levanta primeiro eu tomo o mate deles.

Nessa parte da entrevista, notamos que apesar de haver uma certa admiração de M pelo povo argentino, ela prefere o sabor da comida feita ao estilo brasileiro e isso fica evidente quando ela declara que “cozinha ao estilo brasileiro”. É uma atitude clara da entrevistada em manter a tradição, o sabor da sua terra e passar isso para o seu filho, embora vivam em outro país. Quanto ao chimarrão, M disse que eles tomam o que for feito primeiro e que ambos gostam do sabor de um chimarrão e outro, embora o tipo da erva mate seja diferente. Sendo assim, fica evidente uma atitude respeitosa e comum ao casal, desde não se negar a provar a comida argentina ou brasileira, e respeitando quem faz o chimarrão primeiro.

Em outro excerto, o casal respondeu à questão que analisaremos nas linhas abaixo. Vejamos a pergunta e a resposta de H:

(E1): ¿Usted y su esposa eligen a una lengua o a otra en distintas situaciones, o siempre hablan la misma lengua? ¿Cómo es eso?

(H): La realidad que... por ahí prevalece más el idioma portugués, como le dice les damo la prioridad hasta las mujeres, no [risas] y ahí tuve que adaptarme más y nos acostumbramos desde que empezamos nuestro relacionamiento ehh... a hablar el portugués y hasta hoy en día sigo hablando más el portugués con ella, lo cierto, que el español. Por ahí, cuando circunstancias hablamos, con una reunión familiar, un trabajo o algo de otro ámbito, se cruzan, intercambiamos algunas palabras en castellano, pero más sale el portugués.

Durante a resposta, H faz uma “brincadeira”, de dar preferência às mulheres e, por isso, utilizar a língua portuguesa com ela, já que ela não fala a língua espanhola e fala que

teve de adaptar-se a esse uso desde que eles iniciaram o relacionamento. Vejamos a resposta de M em relação à mesma pergunta:

(M): Bom, é assim, eu geralmente falo português com ele, e ele me responde em português também [risos]. Né, o português é mais forte, vence, quando nós viajamos, daí sim, daí eu tenho que falar o portunhol, porque tipo Posadas, El Dorado eles já não me entendem porque aqui é mais fronteira, a gente se vira, mas aí eu tenho que falar porque eles não me entendem, né, daí lá também, daí até o (nome do filho) não gosta muito que eu fale, mãe fale o teu idioma, mãe, mas não adianta eu falar o meu idioma eles não me entendem, e daí o (nome do filho) me ajuda, filho, como que diz tal coisa aqui na tua língua? E daí ele fala, e as vez quando eu tento falar o espanhol ou argentino e falo errado ele me corrige.

M justifica que o português é mais forte, que por isso vence e que só usa o portunhol<sup>6</sup> quando eles vão visitar a família do marido, em uma cidade mais para dentro da Argentina, em que a língua portuguesa não é falada e, por isso, pouco ou nada compreendida.

Sturza e Fernandes (2009, p. 212) explicam:

Uma língua que funciona em estado de interface com a outra, pertencente a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais que as identificam como tal. Ao estarem condicionadas à presença uma da outra, essas línguas se organizam politicamente para significarem a fronteira nos seus variados aspectos.

Essa condição da presença de uma língua à outra, ocorre no caso desse casal, por eles terem diferentes nacionalidades, por ela morar há dez anos em uma cidade de fronteira e já ter uma certa idade, em que o processo de adaptação se torna mais lento, assim como a aprendizagem de uma outra língua. Tanto, que M cita o exemplo do filho que vive nesse estado de interface entre uma língua e outra, e que apesar de ter apenas sete anos, valoriza a língua da mãe e fala com a mãe em português e com o pai, em espanhol.

Nesse sentido, nota-se, novamente, uma atitude respeitosa do casal em relação à língua de um e outro, além de admiração de H pelo Brasil e de M pela Argentina. H compreende que M não consegue aprender o espanhol e gosta de manter a sua essência sob o viés da linguagem também, ao modo brasileiro, por isso H optou por falar sempre em português com a esposa. M, por sua vez, mesmo não falando o espanhol, aceitou morar ao lado argentino, matricular o filho em uma escola argentina e admira poder ter o auxílio do filho em momentos que ela não consegue se expressar.

---

<sup>6</sup> De acordo com Sturza (2006, p. 131): ‘O “Portunhol” designa uma prática lingüística deficitária, uma passagem entre uma língua e outra, por isso nem uma língua nem outra.’

## Considerações finais

Ao realizar essa pesquisa na fronteira, nosso objetivo foi compreender como se mostram as crenças e atitudes linguísticas em sujeitos que vivem na fronteira, que são casados e que têm diferentes nacionalidades.

As crenças e atitudes advêm da posição em que o falante se encontra na sociedade e por isso essa particularidade no comportamento linguístico, em que o todo, pode ser constituído por pequenos grupos. No caso desta pesquisa, foram ouvidos sujeitos fronteiriços, nos quais foram encontrados diferentes olhares do casal em relação às vantagens e desvantagens de viver na fronteira, sobre as diferenças na culinária brasileira e argentina, o chimarrão e também em relação à língua que eles usam entre eles, enquanto casal que são.

Ao longo da entrevista as crenças e atitudes ficaram claras e isso acontece em um processo natural, porque o olhar de cada sujeito está marcado pela identidade linguística de cada um, pelas crenças e atitudes, além das questões sociais, históricas, culturais e territoriais que abrangem o grupo.

Nesse sentido, a fronteira é o lugar de misturas de culturas, de língua, de identidades, de representações. Por isso, é um espaço de pertencimento desse casal, que o possibilita sentir-se um pouco brasileiro e um pouco argentino, além de valorizar e admirar o espaço que dividem. Como estamos sempre nos constituindo enquanto sujeitos, desde a infância temos crenças que levam a atitudes em relação a algo ou alguém, além de mantermos os costumes com os quais fomos criados, como é o caso desse casal que mantém as tradições, mas usufrui de tudo o que esse espaço lhe proporciona.

## Referências

ALVAREZ, Isaphi Marlene Jardim. *Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira*. 2009. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2009.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança e crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 109-138, 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

- CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. p. 259. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 10. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975.
- MAIA, Ivone. (2002). Intercâmbios lingüísticos de fronteira: incidência no falar dos alunos do curso de português da U.NA.M. *Perspectiva*, Erechim: v. 26, n. 6, p. 95-101, dez.
- MOTA, Sara dos Santos. *Línguas, sujeitos e sentidos: o jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX*. 2010, 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2010.
- STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas*. 2006. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- STURZA, Eliana Rosa; FERNANDES, Ivani Cristina Silva. A fronteira como novo lugar de representação do espanhol no Brasil. In: *Revista Signo & Seña*, n 20, p. 209-227, 2009.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

## CREENCIAS Y ACTITUDES LINGÜÍSTICAS DE SUJETOS FRONTERIZOS CON DIFERENTES NACIONALIDADES

**RESÚMEN:** Este trabajo fue realizado en la frontera Brasil/Argentina, en Santo Antônio do Sudoeste-BR y San Antonio-AR. El objetivo de la investigación es de comprender como se muestran las creencias y actitudes lingüísticas en sujetos que viven en la frontera, que son casados y que tienen diferentes nacionalidades. La investigación constó en hacer una entrevista con dos personas, que son identificadas como mujer (M) y hombre (H). La entrevista fue grabada en audio y la delimitación de la muestra se dio con base en la investigación cualitativa, estudio de caso y por las especificidades de la teoría movilizada. La frontera es el lugar de mezclas de culturas, de lengua, de identidades, de representaciones. Por eso, es un espacio perteneciente de ese casal, que les posibilita sentirse un poco brasileño y un poco argentino.

**Palavras-chave:** Frontera. Vivencias. Creencias y actitudes lingüísticas.

Envio: agosto/2020  
Aceito para publicação: setembro/2020